

Escravidão: piedade e metáfora

Marcelo Mangini Dias (IC-Voluntário), Marcio dos Santos Rodrigues (IC-Voluntário), Mateus Alves Silva (IC-Voluntário)
Renata Campos de Miranda (IC-Voluntário), Valdeci da Silva Cunha (IC-Voluntário)
Prof. Luiz Arnaut (Orientador)

Grupo de estudo e trabalho – História e linguagem – Depto de História – Fafich – UFMG

Nosso objetivo neste trabalho foi testar as proposta da história social da linguagem, ou seja, interrogar as fontes históricas não como suportes de idéias, mas como expressão e indicadores de práticas sociais. Para tanto analisamos alguns poemas que abordam o tema da escravidão e/ou da abolição publicados em jornais da província de Minas Gerais entre os anos 1885 e 1900.

A História Social da Linguagem consiste na proposta de usar na análise histórica as contribuições da sócio-lingüística. A linguagem das fontes passa a ser tratada como prática e relação social expressivas de um mundo que tornou possível ou inadiável esta ou aquela forma de comunicação. A língua por ser prática é moldada e molda a sociedade, podendo ser tomada como indicador e

evidência das práticas sociais. (BURKE)

As fontes históricas textuais podem ser tratadas e interrogadas em função das idéias, noções e informações sobre temas e/ou processos que explicitamente explicitam, ou seja, como suportes e veículos de informações relevantes. Por outro lado, podemos interrogá-las no que carrega de implícito, naquilo que expressam, que informou sua forma

Assim, as fontes (escritas, no caso) podem ser entendidas como mais do que um suporte, com sendo a própria informação, uma vez que consideremos forma e conteúdo como intimamente e indissolúvelmente ligados.

Entendendo a comunicação como sendo uma relação social, o sentido e significação da linguagem são fornecidos pelo contexto e condições de enunciação. Isto é, quem fala o que para

quem e em quais condições. O que falamos, ouvimos, escrevemos e lemos não seriam palavras, nesta abordagem, mas idéias, coisas boas ou ruins. (BAKHTIN)

A linguagem e classificações que expressa ou carrega, por outro lado, atuam como princípios de visão e de divisão das coisas do mundo social. Um recurso técnico que ao permitir nomear as coisas do mundo modifica-o. Age como princípio estruturante que (des)orienta os princípios de visão de di-visão deste mundo. As descrições muitas vezes são prescrições e os há muita denúncia naquilo que se enuncia. As propriedades da língua em transformar o mundo social só são compreensíveis se admitirmos o social relacional ao invés de substancial. Ou seja, a “realidade” como sendo o lugar das lutas para definir a “realidade”. (BOURDIEU)

A campanha abolicionista foi responsável pela produção e circulação de diversos poemas na imprensa. Através destes a escravidão foi redefinida como injustiça intolerável. As diferentes representações postas em circulação que informam a defesa do fim da escravidão ao mesmo tempo em que são informadas por ela.

A denúncia da escravidão era feita em termos de compaixão e piedade, ao escravo continuava sendo negado o estatuto de sujeito, e subsistia o *negro* como metáfora. Assim, a luta pela abolição mantinha a exclusão dos negros, objetos da compaixão, cuja libertação seria resultante da ação dos (brancos) livres. Após 1888, o tema da abolição passa a ser veiculado pelos republicanos que buscam dissociar a abolição da dinastia de Bragança ao mesmo tempo em que transformam a *escravidão* em metáfora da condição de súdito e a abolição na primeira das conquistas republicanas.

A escravidão (d)enunciada pelos poemas

1. Escravidão

1.1. Marcada/caracterizada por:

a) crueldade, sofrimento extremo e contínuo; o escravocrata neste caso aparece como o perpetrador.

b) frustração afetiva: maternidade, paternidade, filial, sonhos, amores.

c) desacordo com o que deve ser (com o direito e o justo).

1.2. Problema da escravidão ou porque a escravidão não deve continuar:

a) causa enorme sofrimento e frustração a seres humanos escravizados, portanto moralmente condenável;

b) brutaliza o escravocrata na medida em que permite e estimula a relação baseada na pura violência, o que equivale a corromper a humanidade do escravocrata;

c) causa danos morais, econômicos e políticos à pátria e à nação.

2. piedade:

A ausência de liberdade dos escravos os tornaria vítimas dos perpetradores e incapazes de resistir aos desmandos, esta dupla privação (de liberdade e de resistência) motivaria a sensibilidade romântica e cristã à compaixão e à piedade.

a) “A solidariedade é o princípio que pode inspirar e guiar a ação, a compaixão é uma das paixões, e a piedade é um sentimento” (ARENDT)

b) Compaixão: co-sofrimento;

c) piedade: presença do infortúnio;

d) Manutenção da desigualdade: referências negativas aos negros e escravos (“vil”, “canalha”, etc) e a permanência do *negro* como metáfora.

e) Mandato Humanitário (NABUCO)

f) Continuidade entre escravismo e abolicionismo: ambos tratam o escravo como ser incapaz, como objeto (a concordância subjacente à discordância).

3. Metáforas: Escravidão e monarquia:

3.1. Escravidão concreta:

a) Universos de referência: mundo do trabalho;

b) Ser escravo é não ser livre;

c) Atitude de resignação e conformidade;

d) Objeto: será libertado;

e) Processo negativo: libertação.

3.2. Escravidão metafórica:

a) Universos de referência: mundo da política;

b) Ser escravo é não ter direitos políticos;

c) Atitude de revolta e ação;

d) Sujeito: Se libertará;

e) Processo positivo: liberdade

3.3 Outras metáforas:

a) O escravocrata como tirano;

b) O monarca como escravocrata;

c) A monarquia como escravidão; e

d) A república como abolição da pátria

O Escravo

Curva-te, escravo, aos golpes vis do açoute,
Da desventura traga o amargo fel;
Infausta estrela te sorriu no berço,
E negra sina te fadou cruel.

Trabalha e muito; que teus labores
Brotam as sedas que teus amos cobrem;
Verte suores p'ra que folguem eles,
E mil delícias no viver lhes sobrem.

Eia! Que importa se na mocidade
Sonhos doirados te sorriam belos?
Se planejaste para teu futuro
Os mais soberbos e gentis castelos?

Bane as saudades que teu peito ralam
Do ardente berço que embalou-te a infância:
Jamais um dia aspirarás das flores
Dos pátrios climas a menor fragrância.

Trabalha e muito; que senão nos ares
Vibra o chicote... chorarás em vão!
Em vão teus lábios soltarão blasfêmias
E inúteis rogos que perdidos são!

Louco! Querias um assento nobre
Nesse banquete que se diz de irmãos?
Que bafejasse teus pulmões o ar livre?
Que o homem branco te estendesse as mãos?

Louco! Não sabes que teu fado inteiro
É nada, o cifra um aceno só?
E que descanso encontrarás somente
De humilde cova no funéreo pó?

Eia, trabalha! teu viver é esse...
Nem um punhado de fanadas flores!
Somente em sonho tu verás a imagem
De teus ingênuos, infantis amores

Jamais teus lábios [...] a frente
Da negra amante, [...]!
enxuga o pranto... não se alegre o hino
Do gaturamo no verdor do [...]?

Trabalha e muito que senão nos ares
Vibra o chicote... chorarás em vão!
em vão teus lábios soltarão blasfêmias
E inúteis rogos que perdidos são!

Monitor do Norte. 18 de junho de 1876.



Chora, Escravo!

Ao distinto abolicionista Padre Camilo Veloso

Chora, escravo, mas nos céus confia!...
És mártir de um malvado,
De um senhor tão desgraçado,
Que escravo diz ser cousa!
Perdoa ao monstro que diz isto,
E na Grã Cruz de Jesus Cristo
Tua fé sempre repousa.

Chora, escravo, que terás descanso!...
Não tarda que o escravista.
Esse louco, esse egoísta,
Morta veja a escravidão.
Há de um dia a sociedade
Dar-te, escravo, liberdade,
E pedir-te até perdão.

Chora, escravo, que o chorar é santo!...
As lágrimas de Madalena
Valeram-lhe a vida amena,
A morada da divindade!
Não está longe mais o dia,
P'ra ser morta a tirania,
No seio da cristandade.

Chora, escravo, que o chorar é doce!...
É preciso haver a pena,
Pois sem ela a vida amena
Juro – ninguém voa
Tuas lágrimas tão sentidas
São flores por Deus colhidas,
P'ra tecer-te uma coroa!

Carlos B. Peixoto.
A União. 27 de janeiro de 1887.

13 de Maio

Acendeu brilhante luz
O farol da Redenção;
Na terra de Santa Cruz
Não há mais escravidão!

Ergue a fronte, ó Pátria, exulta!
Vem cingir virentes louros,
Vem adir aos teus tesouros
Mais o – dom – de nação culta
Ergue, sim, a fronte, exulta!
Que o astro que te conduz
Sidéreo emblema da Cruz,
Nos fastos da tua história
Registrou mais uma glória,
Acendeu brilhante luz!

Já não és pátria d'escravos,
És potente soberana
Livre Sul-Americana,
Berço de heróis e de bravos!
Sofreste os cruéis agravos
Da mais dura condição;
Mas, guiou-te à salvação
Deu-te alento e conforto,
Abrigo e seguro porto
O farol da Redenção!

A razão ao servilismo
Quebrou as torpes algemas,
Convertiu ímpios sistemas
De vileza em heroísmo!
Confundiu o Egoísmo
E em fanático jus,
Veio em nome de Jesus
Redentor da Humanidade
Implantou a Liberdade
Na terra de Santa Cruz!

Avante, Brasil, avante!
Em teu ingente labor;
No arrojo do condor
Mediste passo gigante!
Mostra ao mundo teu semblante,
Teu sincero coração;
Saiba pois qualquer nação
Que em teu solo hospitaleiro,
Dá-se asilo ao estrangeiro,
Não há mais escuridão!

Francisco Silva Lobo.
Província de Minas. 26 de maio de 1888.



Suspiros e Dores

O Brasil suspira,
Ai que dor!
Sou cativo, bem cativo
Do Imperador!

A Pátria suspira,
Ai que dor!
Sou cativa da mulher
Do Imperador!

Os brasileiros suspiram,
Ai que dor!
Somos cativos do genro
Do Imperador!

As brasileiras suspiram,
Ai que dor!
Somos cativas da filha
Do Imperador!

Os meninos suspiram,
Ai que dor!
Somos cativos dos netos
Do Imperador!

Os libertos suspiram,
Ai que dor!
Ainda somos cativos
Do Imperador!

Quando ficaremos,
Ai que dor!
Livres da família
Do Imperador?

Dar viva à República,
Ai que dor!
Não se pode, por causa
Do Imperador!

Camilo C. de Campos. O Movimento.
Ouro Preto. 26 de outubro de 1889.